

humanitas



Vol. XXXIII – XXXIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS, XXXIII-XXXIV



MCMLXXXI-MCMLXXXII

COIMBRA

DAVID A. CAMPBELL, *The Golden Lyre. The Themes of the Greek Lyric Poets*. London, Duckworth, 1983. VIII + 312 pp.

Em 1967, D. A. Campbell tinha oferecido aos estudiosos uma das melhores, se não a melhor, antologias comentadas dos poetas líricos gregos. O livro que agora acaba de publicar é o complemento admirável e actualizado do anterior.

Diversamente de Bowra, a análise dos fragmentos é conduzida, não por autores, mas por temas: amor, vinho, atletismo, política, amigos e inimigos, deuses e heróis, vida e morte, poesia e música. O processo, sem dúvida interessante, implica o perigo da desinserção temporal e da repetição, a que outros especialistas não têm escapado. Campbell, porém, evita um e outro escolho, e proporciona-nos um panorama perfeitamente enquadrado sob o ponto de vista histórico, em que os diversos textos se integram num todo e se iluminam reciprocamente, ou por afinidade ou por contraste. O enquadramento vai, de resto, ao ponto de fazer preceder o estudo de cada tema do apuramento dos elementos provenientes de Homero e de Hesíodo.

O livro não tem uma única nota, mas a discussão de cada fragmento revela o joiamento crítico da principal bibliografia sobre a matéria, sem que nenhuma dificuldade seja iludida, quer se trate do Grande Partenéion de Álcman, do *ostrakon* de Safo, da Elegia às Musas de Sólon, das Palinódias a Helena de Estesícoro, ou de qualquer outro dos muitos enigmas em que a lírica grega arcaica é fértil. Nalguns casos, apresenta soluções convincentes, que decorrem naturalmente da penetrante análise literária de que acompanha cada poema. Exemplo disso é, na p. 268, a justificação (indirecta) da discutida autenticidade de Teógnis 253-254, mostrando que em *ἀντὰρ ἐγὼν... παρὰ σεῦ* está a esperada antítese a *σοὶ μὲν ἐγὼ* de 237, com que começa a elegia.

Pela selecção das matérias, o livro não podia abranger a totalidade da lírica. E, se o Papiro de Colónia de Arquíloco tem perfeito cabimento no capítulo I (pp. 7-8), e os novos fragmentos da *Gerioneida* de Estesícoro ocasionam cuidadoso exame no capítulo VI (pp. 161-162), o leitor não pode deixar de lamentar que o Papiro de Lille não receba mais do que uma breve referência de passagem (p. 163). Também é de notar a ausência de um capítulo sobre a natureza, que, embora, como se sabe, não constitua tema autónomo na lírica grega, tem uma presença contínua nalguns dos melhores poetas e forma um dos ângulos mais inovadores da mundividência arcaica.

Deve salientar-se a preocupação do autor em atingir um público mais vasto do que o dos helenistas *ex professo*. Assim, cada texto grego é seguido da sua tradução, imediatamente continuada pelo comentário. A versão é, assim, parte da *interpretatio*, como a entendera Fraenkel na sua monumental edição do *Agamémnon* de Ésquilo. A mesma preocupação o leva a acrescentar no final da obra uma «Nota sobre métrica», uma bem sintetizada série de dados biográficos sobre os poetas e uma bibliografia selecta. Por sua vez, o índice de passos comentados permite, a quem o desejar, fazer um estudo seguido de cada um dos autores.

Pela segurança, clareza e actualização, e ainda pela sensibilidade literária a cada passo demonstrada, o novo livro de Campbell está destinado a ser um companheiro indispensável dos estudiosos da lírica grega arcaica.

M. H. R. P.

LIANA LUPAS e ZOE PETRE, *Commentaire aux «Sept Contre Thèbes» d'Eschyle*. Editura Academiei, Bucarest; «Les Belles Lettres», Paris, 1981. X + 301 pp.

Segundo se lê nas palavras introdutórias, esta obra representa o resultado de uma leitura global dos *Sete Contra Tebas* de Ésquilo, realizada por dois especialistas: um filólogo e um historiador.

Contrariamente aos receios das autoras, o trabalho não perdeu em coerência o que ganhou em complexidade. Estamos perante um comentário inteligente e diversificado de uma tragédia que não tem sido das mais favorecidas pela atenção dos modernos intérpretes de Ésquilo. Mas a importância do tragediógrafo justifica ainda assim que os estudos sobre os mais variados aspectos do drama sejam em número impressionante e disso dá conta uma bibliografia cuidadosamente elaborada, muito rica de informação, com que encerra o presente volume.

Depois de uma breve «notícia», em que são aflorados os pontos fundamentais da interpretação dos *Sete*, no contexto da trilogia a que a obra pertence, inicia-se o comentário minucioso do texto, em que os problemas são encarados, primeiro ao nível das grandes estruturas, depois ao nível de cada verso.

Na análise do *Prólogo* salientarei, em primeiro lugar, o comentário aos versos 4-9 que põem a tão controversa questão da atitude de Etéocles para com os deuses. Concordo que a natureza destas relações será precisada ao longo do drama (cf. por ex. os vv. 76-7, o v. 217 e o diálogo lírico-epirremático que vai do v. 686 ao v. 711), mas não vejo nas afirmações iniciais de Etéocles (vv. 4-9) qualquer espécie de ambiguidade: elas esboçam de imediato um rosto com traços vivos de *ἄβρις*. Observação sugestiva a de que, no uso do processo comum da ironia trágica, a referência aos hinos e às lamentações, que tomarão Etéocles como objecto em caso de inêxito na guerra, prefigura a realização do treno final do drama.

Na análise dos vv. 10-16 aborda-se o problema da alteração do texto tradicional no que concerne fundamentalmente à ordem dos vv. 12-13, que deve ser invertida, na opinião das AA., para se alcançar uma referência às três idades da vida do homem, conforme se considera desejável. A eliminação da referência aos adultos parece-me, no entanto, mais lógica, dado que estes se encontram longe, nas muralhas, ocupados na luta contra o inimigo, e o objectivo de Etéocles é, no momento, atrair os jovens e os velhos para o esforço comum de defesa, de molde a mobilizar para a guerra todas as forças da cidade. Não julgo, pois, necessária a alteração da tradição manuscrita.